

A Era da Incerteza.

CATEGORIA

Editorial

CITAÇÃO

Lopes dos Santos, J. M. B. (2024)
A Era da Incerteza,
Rev. Ciência Elem., V12(04):034.
doi.org/10.24927/rce2024.034

EDITOR

João Nuno Tavares
Universidade do Porto

EDITOR CONVIDADO

J. M. B. Lopes dos Santos
Universidade do Porto

RECEBIDO EM

09 de dezembro de 2024

ACEITE EM

09 de dezembro de 2024

PUBLICADO EM

15 de dezembro de 2024

COPYRIGHT

© Casa das Ciências 2024.
Este artigo é de acesso livre,
distribuído sob licença Creative
Commons com a designação
[CC-BY-NC-SA 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/), que permite
a utilização e a partilha para fins
não comerciais, desde que citado
o autor e a fonte original do artigo.

rce.casadasciencias.org



O título deste editorial é roubado de um livro do economista John Kenneth Galbraith, “*The Age of Uncertainty*”, publicado em 1977, acompanhado de uma série televisiva na BBC e CBS, com o mesmo nome. Imagine-se: uma série de 15 episódios de uma hora sobre história da Economia em horário nobre de televisão!

Galbraith era um defensor do estado social, da regulação dos mercados e de serviços públicos suportados por impostos fortemente progressivos, e opôs-se às correntes mais favoráveis aos mercados livres, sem regulação, e às visões liberais que a partir dos governos de Thatcher no Reino Unido e Reagan nos EUA ganharam proeminência nas democracias ocidentais.

É verdade que todas as épocas têm a sua dose de incerteza. Em 1977 o mundo estava dividido em dois blocos hostis. O bloco “ocidental” liderado pelos EUA, ao qual estavam aliadas as democracias liberais da Europa, alguns países asiáticos (Japão, Coreia do Sul) e o Canadá e a Austrália. Não era composta apenas pelos vencedores da II guerra. Incluía os vencidos, Itália, Alemanha e Japão. Do outro lado, um dos vencedores, uma autocracia, a União Soviética, um bloco que incluía a maior parte da Europa de Leste. Mas a guerra fria tinha tido o seu auge nos anos sessenta, e no final dos anos setenta, já poucos temiam uma confrontação militar direta entre estes dois blocos. Económica e socialmente o bloco ocidental era claramente superior; o bem estar das suas populações tinha tido um progresso notável nos quarenta anos posteriores à guerra. Para quem duvida, espreitem os retratos da Itália do pós-guerra nos filmes do neo-realismo italiano.

Quando Galbraith escreve o seu livro as últimas autocracias da Europa Ocidental (Espanha e Portugal) haviam terminado e o sucesso das democracias ocidentais, o posterior colapso da União Soviética e o fim da guerra fria, até levou alguns a anunciar o fim da História.

Pelos vistos, em geopolítica os prognósticos são tão perigosos como no futebol! Hoje assistimos à ascensão de regimes autocráticos, com um poder económico que a União Soviética nunca teve, e a evidentes tentações autocráticas em países ainda democráticos, e que, no início deste século, ninguém ousaria prever. As tensões das autocracias dominantes com o bloco Ocidental estão num máximo de muitos anos e na Europa vivemos nos últimos três anos um conflito em que se estimam já perto de um milhão de baixas! Para quem, como o autor, viveu o notável período de prosperidade que Portugal e a Europa viveram nos últimos 50 anos (com altos e baixos que não põem em causa a tendência geral), nunca a incerteza sobre o futuro foi maior.

É importante constatar que este movimento é acompanhado de uma recusa desconcertante de cada vez mais cidadãos do mundo dos critérios de verdade que informam (informavam?) não só o debate público, como a própria ciência. Ao ponto de os EUA se prepararem para indicar um responsável pela saúde que alimenta teorias de conspiração, em clara negação da evidência científica disponível.

Qual é o caminho? Como cientistas ou professores não podemos deixar de defender que as ideias se debatem sempre com recurso à evidência, que há teses com fundamento na realidade e teses que não passam de fantasia e retórica, sem provas ou evidência que as suporte. Mas quando milhões dos nossos concidadãos se deixam seduzir por estas últimas, não podemos desconsiderá-las, olhá-las com sobranceira, sob o pretexto que são tão absurdas que não merecem a nossa atenção.

Talvez devamos equacionar que ensinar ciência não é suficiente. Temos de enfrentar essas ideias na praça pública e nas escolas, com a certeza nas nossas convicções, mas com respeito por quem as perfilha. Não deverá a educação para a cidadania ir para além das causas sociais, para debater e explicar os métodos com que a ciência constrói o seu conhecimento, respondendo a críticas e justificando por que razão devemos fundamentar a nossa ação nesse conhecimento? Veja-se por exemplo a imagem selecionada para este número da RCE: que boa lição seria explicar por que razão os geólogos creem que se trata de uma formação natural!

Quem sabe, poderemos vir a ter um astrólogo candidato a dirigir a NASA. Não podemos apenas levantar os braços em desespero! Temos de estar preparados para mostrar que isso não é uma boa ideia!

J. M. B. Lopes dos Santos

Universidade do Porto